

COOPERAÇÃO E SOFT POWER NA POLÍTICA EXTERNA CUBANA: A EMERGÊNCIA DA DIPLOMACIA SOCIAL¹

Soft Power and the international projection of the Cuban
Revolution: the charism revolutionary of Social
Diplomacy

Marcos Antonio da Silva²
Guillermo Alfredo Johnson³
Anatólio Medeiros Arce⁴

Introdução

Desde a década de 50 a questão cubana tornou-se um elemento fundamental para a compreensão das relações interamericanas e, em menor medida, das relações internacionais na segunda metade do século XX. Isto porque a tentativa de construção de um sistema alternativo implicava o apoio ou a oposição (geralmente radicais) dos grupos políticos da região e o confronto com a superpotência ocidental alçaram a pequena ilha caribenha ao centro da política regional e internacional, como ficou evidenciado na crise dos Mísseis em 1962. Embora tal relevância tenha diminuído com o fim da guerra fria e as mudanças políticas que acontecem na região desde os anos 80, a questão cubana ainda ocupa uma posição importante na política regional.

¹ Esta é uma versão modificada do trabalho “O soft power cubano: do Carisma Revolucionário a Diplomacia Social”, apresentado na III Semana de Relações Internacionais da UFGD e no 7º CEISAL.

² Doutor em Integração da América Latina (PROLAM/USP). Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do LIAL/UFGD (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina). Email: marocam@terra.com.br.

³ Professor de Ciência Política do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e do Mestrado em Geografia. Coordenador do LIAL (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina) da mesma instituição. E-mail: guijohnson@uol.com.br.

⁴ Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Membro do LIAL (Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre América Latina). Email: anatolio.arce@r7.com.

Desde a emergência de seu processo revolucionário, Cuba tem desenvolvido uma política externa que procurava garantir e consolidar as mudanças internas que o novo regime realizava. Neste sentido, desenvolveu uma política intensa e global que, apesar dos ajustes conjunturais, implicava na ampliação das possibilidades de consolidação das mudanças internas e na dinâmica de enfrentamento com os EUA, o que conduziu ao apoio e fomento de revoluções pelo terceiro mundo, destacadamente na África e América Latina.

Desta forma, embora possua uma limitada capacidade dos elementos tradicionais característicos do hard power dada sua condição de pequena ilha caribenha, Cuba esteve envolvida em conflitos importantes, ao longo das últimas cinco décadas, nas regiões mencionadas. No entanto, consideramos que a projeção internacional do país esteve associada, principalmente, ao exercício do soft power relacionado a imagem revolucionária que o país projeta desde então no cenário internacional. Sendo assim, este trabalho destaca que a projeção internacional do país tem-se modificado e adaptado aos novos tempos, pois, se nos primeiros anos da Revolução se fundamentava, embora não exclusivamente, na “aura revolucionária” que o país representava e no carisma de sua revolução e de suas lideranças, destacadamente Fidel Castro e Che Guevara, nos primeiros anos do século XX parece emergir uma nova forma de exercício do soft power cubano, fundamentado no exercício da Diplomacia Social. Esta procura atualizar o internacionalismo aos novos tempos e se fundamenta na construção de uma nova forma de cooperação alicerçada na utilização dos serviços sociais (educação, saúde, esporte e cultura, entre outros) para projetar uma imagem positiva do país e construir laços com a comunidade internacional, estatal ou na sociedade civil, para superar o relativo isolamento que o país havia enfrentado nos anos 90.

Para tanto, este trabalho está organizado da seguinte forma. Inicialmente, e de forma breve, discute a noção de soft power, procurando destacar como este implica numa forma de exercício da política em que a força cede lugar ao consenso, a cooperação e a construção de parcerias através do convencimento. Em seguida, relaciona-o a emergência da Revolução e ao carisma de suas lideranças, demonstrando como a projeção inicial desta esteve associada às principais lideranças e sua atuação

política. Finalmente, analisa a emergência da diplomacia social, seu exercício e impactos, como a nova forma de cooperação e inserção internacional da Revolução Cubana neste século.

Poder e projeção internacional: o soft power.

Desde o fim da Guerra-Fria, e conseqüentemente da ordem bipolar, os contornos da nova ordem internacional que emergiu e, persiste até nossos dias, desafiam os analistas do cenário internacional. Apesar da nova ordem não estar devidamente configurado, mostrando-se mais fluida e transitória do que julgaram algumas análises mais apressadas, certos elementos podem servir para a compreensão de seus contornos mais gerais, como se pode observar nas análises de J. Nye (2002).

Na tentativa de compreender como os paradoxos do poder americano, manifestados no descompasso entre a clara hegemonia militar e a decrescente participação do país na economia mundial e a erosão de sua liderança política no cenário internacional, Nye procura compreender a dinâmica de poder no cenário internacional contemporâneo, apresentando duas análises relevantes para este trabalho.

Em primeiro lugar, fundamentando-se, de certa forma, nos seus estudos sobre a interdependência complexa, Nye aponta que a compreensão das relações internacionais contemporâneas tornou-se mais complexa e dinâmica. Sendo assim, aponta que a distribuição do poder deve ser analisada como um tabuleiro de xadrez tridimensional, implicando um maior desafio para o exercício do poder. Para ele, tal tabuleiro é tridimensional pois envolve a atuação na esfera militar (com clara hegemonia dos EUA), na econômica (cada vez mais multipolar) e na esfera das relações transnacionais, que inclui atores não-estatais e transpõe o controle dos governos nacionais, apresentando um poder disperso. Como estes níveis estão conectados, a ação internacional é extremamente complexa e não pode se basear em um recurso ou forma de poder. Daí emerge a segunda contribuição de sua análise.

Retomando os estudos e análises sobre o poder, Nye procura destacar que neste novo cenário duas formas são necessárias e complementam. Ao tradicional poder duro (hard power) que consiste na capacidade de elementos associados a população,

território, recursos econômicos e força militar, sendo assim: “A capacidade de obter resultados desejados freqüentemente vem associada a posse de certos recursos, por isso é comum simplificar a definição de poder como a posse de quantidades relativamente grandes de elementos tais como a população, território, recursos naturais, vigor econômico, força militar e estabilidade política” (NYE, 2002, p. 30). Em suma, o poder duro está associado aos fatores natural e demográfico. No entanto, como demonstra o autor, tal conceito já não é mais suficiente para a definição de potência devido ao desenvolvimento tecnológico e econômico, o que torna necessário a agregação do soft power (poder brando).

Sempre presente na análise do poder, embora às vezes ignorado, o poder brando é definido como: “Ele coopta as pessoas em vez de coagi-las. O poder brando se arrima na capacidade de definir a agenda política para formar as preferências dos demais (...) é a capacidade de seduzir e atrair. E a atração geralmente leva a aquiescência e a imitação” (NYE, 2002, p. 36-37). Neste sentido, tal poder tem um caráter eminentemente político, de exercício não-coercitivo do poder, e confere a seu detentor a capacidade política de influenciar os demais através, entre outros, da sedução e atração. Desta forma, através do diálogo e da negociação, potencializa o convencimento, permitindo a cooperação dos demais. Ainda, sua capacidade está relacionada aos valores que este pode representar, tornando-o modelo, permitindo o estabelecimento de uma agenda em torno de seus princípios e ideais. Sendo assim, nesta era de expansão da informação em nível global, tal poder torna-se tão importante quanto o poder bruto.

Neste sentido, consideramos que a Revolução Cubana, embora tenha permitido ao país aumentar seu poder bruto, ainda que muito aquém das grandes potências, potencializou, de forma distinta nos contextos históricos, o soft power cubano, o que discutiremos a seguir.

A Revolução Cubana e o soft power: do carisma à diplomacia social

Desde sua emergência, em 1959, a Revolução Cubana e suas ações despertaram uma reação intensa, favorável ou contrária. Considerando o contexto latino-americano, tal revolução apresentava-se como alternativa, atraente e viável, para a superação dos

problemas seculares (analfabetismo, extrema pobreza, desigualdade, ...) vividos pelos diversos países da região. Desta forma, o impacto das transformações vividas pelo país e a reação a tais mudanças, afetou profundamente os projetos políticos, à esquerda e à direita, e determinou a dinâmica política da região na segunda metade do século XX.

O poder de atratividade da Revolução Cubana, foi observado por Hobsbawn que ao realizar um balanço do curto século XX, aponta que:

Nenhuma revolução poderia ter sido mais bem projetada para atrair a esquerda do hemisfério ocidental e dos países desenvolvidos, no fim de uma década de conservadorismo global; ou para dar à estratégia da guerrilha melhor publicidade. A revolução cubana era tudo: romance, heroísmo nas montanhas, ex-líderes estudantis com a desprendida generosidade de sua juventude- os mais velhos mal tinham passado dos trinta-, um povo exultante, num paraíso turístico tropical pulsando com os ritmos da rumba. E o que era mais: podia ser saudada por toda a esquerda revolucionária (HOBSBAWN, 1995, p. 427).

Desta forma, o autor demonstra a emergência de uma empatia que percorre a América Latina, mas também em todo mundo, reforçada posteriormente pelas mudanças implantadas no país.

As medidas adotadas e as ações posteriores propiciaram uma identificação e apoio na esquerda latino-americana. Desta forma, como aponta Sader (1991), a partir da experiência brasileira, inúmeros aspectos da Revolução e da construção do socialismo em Cuba cativaram a esquerda: a atualização da ideia de Revolução, em contraposição à apatia e o oportunismo dos PCs; a legitimação da heterodoxia política e ideológica a respeito de como fazer a Revolução e como construir o socialismo; o anticapitalismo e o anti-imperialismo, caracterizados pela ruptura total com os EUA; a estratégia de poder centrada na guerra de guerrilhas, baseada no campo; a solidariedade internacional – o internacionalismo proletário – como um dos componentes básicos de sua formação ideológica e ação política; a ética da dedicação revolucionária, com a militância identificada com a própria vida, exemplificada na vida do Che que dizia “o dever de todo revolucionário é fazer a Revolução” e da construção do homem novo; e, finalmente, a ênfase no papel da vanguarda e dos aspectos subjetivos para a vitória (SADER, 1991, p. 23).

Desde o início, o governo cubano procurou formular uma política externa que pudesse defender os seus interesses (SALAZAR, 1986; BANDEIRA, 1998). A

compreensão adequada de tal política é resultado da análise de dois eixos fundamentais: de um lado, era fruto da dinâmica entre *revolução e política formal*; de outro, entre isolamento e integração. No primeiro caso procura-se destacar, principalmente nos anos 60 e final dos anos 70, o compromisso da liderança cubana em apoiar ou fomentar revoluções para a emergência de regimes favoráveis à sua causa e para diminuir a pressão do governo norte-americano sobre a revolução cubana. Esta postura, mesmo que às vezes tenha se constituído numa política informal e de organismos não estatais (o serviço secreto, organizações de solidariedade, entre outros), foi executada pelas lideranças que procuraram influenciar a onda revolucionária que atingiu a América Latina, destacadamente, mas também a África ao longo do período. Em relação a segunda, tratava-se de manter e reforçar os laços políticos e diplomáticos, procurando evitar ou superar o isolamento impulsionado pelo governo estadunidense.

Como já destacado, um dos elementos fundamentais para a compreensão da Revolução Cubana refere-se à liderança fundamental de Fidel Castro que com seu carisma, sua legitimidade e perspicácia, contribuiu decisivamente para sua sobrevivência.

Como apontava Che Guevara, ao discutir a possibilidade de que tal evento pudesse se repetir em outros países da região, os traços que impulsionaram esta eram comuns a todos os países latino-americanos (pobreza, desigualdade, latifúndio,...), excetuando-se por alguns aspectos, dentre eles o papel desempenhado pela liderança (Fidel Castro, á frente) apontando que:

Reconhecemos que a peculiaridade da revolução cubana é dada por fatos excepcionais. (...) O primeiro, talvez mais importante, o mais original, é esta força da natureza chamada Fidel Castro Ruz, que em poucos anos alcançou projeção histórica. (...) Mas para nós, ele se iguala às mais altas figuras históricas da América Latina. Graças á sua capacidade de aglutinar, de unir – opondo-se á divisão que enfraquece-, de dirigir a ação do povo; seu amor profundo por ele; graças á sua fé profunda no futuro e á sua capacidade de prevê-lo, Fidel fez por sua Cuba mais do que ninguém para construir a partir do nada o aparato formidável que é hoje a revolução cubana (Guevara, 1970, p. 403-419).

Tal liderança, foi sendo reafirmada ao longo dos anos e, apesar do desgaste natural, contribuiu para a consolidação e manutenção de tal processo, mesmo em cenários extremamente adversos, como na profunda crise econômica dos anos 90.

Mesmo com o passar dos anos, Fidel Castro continuava possuindo um prestígio que, como aponta Sznajder e Roniger:

el rol de Fidel Castro, como líder de la revolución, y del castrismo, como movimiento político con gran poder de adaptación, han sido centrales para la supervivencia del régimen actual en Cuba. Castro goza del prestigio de un verdadero revolucionario que ha dedicado su vida a su país, sin disfrutar de los privilegios característicos del poder tal como lo hicieron otros líderes comunistas, en la Unión Soviética y en Europa Oriental, alrededor de los cuales se desarrollaron cultos de personalidad, nepotismo y el goce de los placeres mundanos por parte de ellos mismos y la élite política que los rodeaba (SZNAJDER e RONIGER, 2001, p. 161).

É possível entender porque, mesmo após quatro décadas de liderança, o ímpeto revolucionário e a imagem de Fidel estão menos erodidos que as lideranças comunistas que estiveram no poder na Europa Oriental. A figura de Fidel, em termos de apoio dentro de sua sociedade é comparável a Mao na China e a Ho Chi Min no Vietnã, enquanto estavam vivos. Isto pode ser derivado de sua “aura revolucionária” e da eterna confrontação com os EUA, apresentada como a continuação das lutas de libertação nacional, que lhe conferem maior legitimidade, como pode se observar na primordial e consciente projeção da figura de José Martí e sua influência ideológica e cultural, enfatizada especialmente no preâmbulo da Constituição Cubana de 1992 (SZNAJDER e RONIGER, 2001).

Mas de onde vem esta força de Fidel? Sem dúvida, o carisma é o elemento definidor da liderança desempenhada por ele, de tal forma que como aponta Max Weber:

(...) existe em segundo lugar, a autoridade que se funda em dons pessoais e extraordinários de um indivíduo –carisma– devoção e confiança estritamente pessoais depositadas em alguém que se singulariza por qualidades prodigiosas, por heroísmo ou por outras qualidades exemplares que dele fazemo chefe. Tal é o poder “carismático”, exercido pelo profeta ou- no domínio político pelo dirigente guerreiro eleito, pelo soberano escolhido através do plebiscito, pelo grande demagogo ou pelo dirigente de um partido político (WEBER, 1989, p. 57).

Neste sentido, podemos observar que a dominação carismática se desenvolve em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e a seus dotes sobrenaturais (carisma), particularmente as faculdades mágicas, revelações ou heroísmo, poder intelectual ou de

oratória, algo facilmente observável em seus famosos discursos e sua personalidade onnipresente. Desta forma, a associação dominante é de caráter comunitário, na comunidade ou no séquito. A forma genuína da jurisdição e a conciliação de litígios carismáticos é a proclamação da sentença pelo senhor ou pelo sábio e sua aceitação pela comunidade. No caso cubano, isto pode ser observado pelo fato de que, apesar do evidente processo de institucionalização vivenciado ao longo destas décadas, com a construção de organizações sociais e políticas, em diversos momentos Fidel Castro determinou políticas, inovações ou mudanças, como no processo da safra de açúcar do final dos anos 60, de retificação de erros dos anos 80 ou nas medidas adotadas ao longo dos anos 90.

Além disto, pode-se destacar a capacidade de adaptação, ou maleabilidade, desta liderança. Foi assim em meados da década de 80, quando o processo chamado “retificação de erros e tendências negativas” teve como base o retorno a algumas ideias de Che Guevara, enquanto ministro que haviam sido abandonadas na aproximação com a URSS, sobre trabalho e remuneração ou observando ainda as diversas modificações e adaptações dos ideais desde o Movimento 26 de Julho – década de 50 – cujos objetivos eram de caráter nacionalista, com explícitas demandas de justiça social e ideais anticorrupção para limpar a vida pública, passando pela adoção do modelo marxista-leninista – década de 60 e 70 – e o apoio, entre outras coisas, à invasão soviética da Tchecoslováquia e as transformações da década de 90.

Além de Fidel, outra liderança que projetou internacionalmente a Revolução Cubana foi, sem dúvida, Che Guevara. Este marcou profundamente a América Latina e, com seu assassinato na Bolívia, sua obra e exemplo, confirmam-lhe uma dimensão internacional⁵. Como aponta Sader:

Neste momento crucial de grandes transformações, o Che apareceu como crítica viva ao objetivismo que dominara o marxismo por várias décadas. Não é assim por acaso que sua imagem estivesse presente nas manifestações de 68 em Paris, Roma, Frankfurt, Tóquio. E que grupos

⁵ Para uma compreensão mais aprofundada destas ideias e do papel desempenhado por Ernesto Che Guevara ver, entre outros, Luis Bernardo Pericás, *Che Guevara e o debate econômico em Cuba*, Ed. Xamã, 2004; Carlos Tablada Perez, *El pensamiento económico de Ernesto Che Guevara*, Casa de Las Américas, 1987; Fernando Martinez Heredia, *El Che y el Socialismo*, Dialectica, 1992; e Geronimo Alvarez Batista, *Che: una nuevabatala*, Pablo de laTorriente, 1994.

revolucionários tenham-se constituído na América Latina, Alemanha, Ceilão, tomando-o como referência (SADER, 1981, p. 35)

Como mencionamos, o assassinato do Che serviu para impulsionar sua aura revolucionária, marcada pela percepção de que era capaz de renunciar aos cargos e honorarias e doar sua vida em prol dos ideais defendidos, servindo para impulsionar o mito, identificado com os ideais puros dos primeiros anos da revolução cubana (Taibo, 1997; Anderson, 1997)⁶. Grande parte deste mito, impulsionado pelo próprio governo cubano, se fortaleceu porque Che não enfrentou o desgaste político de outras lideranças cubanas que se mantiveram no poder, pois como afirma Anderson:

Na cidadezinha de Vallegrande, na Bolívia, onde prosseguem os esforços para encontrar e exumar o corpo de Che, na parede de barro da central telefônica há uma frase pichada em espanhol: Che- Vivo como jamás quisieron que estuvieras. Essa frase, talvez melhor do que qualquer outra descreve o verdadeiro legado do Che. De alguma forma, ele manteve uma posição de força na imaginação popular, parecendo transcender tempo e lugar. Eternamente jovem, valente, implacável e desafiador, perpetuamente olhando fixo com aqueles olhos cheios de propósito e indignação. Che desafiou a morte. Enquanto até mesmo seus amigos e camaradas mais íntimos fenecem com a idade e sucumbem às comodidades de uma vida em que la revolución já não tem cabimento, Che permanece imutável. Ele é imortal porque outros o querem assim, como o exemplo solitário do Novo Homem que um dia viveu e desafiou outros a segui-lo (ANDERSON, 1997, p. 864).

Além disto, o tratamento dado ao heroísmo e atuação de outras lideranças, como Camilo Cienfuegos e Raul Castro, entre outros, reforçou em grande medida, uma mitologia da Revolução Cubana, alicerçada na atuação das lideranças. Desta forma, pode-se destacar que o soft power cubano era derivado, não de forma exclusiva, era derivado da atuação e exemplo destas lideranças, ainda que fundamentado em elementos diversos.

Além disto, deve-se considerar que a projeção internacional cubana, esteve alicerçada numa política de apoio e incentivo as revoluções no terceiro mundo e no

⁶Desta forma, como afirma Taibo: “Há uma lembrança. Desde milhares de fotos, pôsteres, camisetas, fitas, discos, vídeos, retratos, revistas, livros, frases, testemunhos, todos os fantasmas da sociedade industrial que não sabe depositar seus mitos na sobriedade da memória. Che nos vigia. Para além de toda parafernália, ele retorna. Em era de naufrágios, é nosso santo leigo. Quase trinta anos depois de sua morte, sua imagem cruza as gerações, seu mito passa deslizando em meio aos delírios de grandeza do neoliberalismo. Irreverente, irônico, obstinado, moralmente obstinado. Inesquecível.” (TAIBO, 1997: 704).

exercício do internacionalismo proletário. Tal política determinou o envolvimento cubano, civil e militar, ao longo das décadas de 60 a 80 na América Latina e na África.

No caso africano, tal ação se desenvolveu em dois planos distintos. No primeiro, estavam as ações de colaboração e ajuda militar de apoio a movimentos nacionalistas ou socialistas. Segundo LópezSegrera (1988), a presença militar cubana foi sempre posterior a esforços para a solução negociada dos conflitos, sua participação era fruto de um pedido formal e aprovação dos governos dos países em questão e o país jamais representou uma ameaça aos vizinhos dos países em que suas tropas atuavam. Neste sentido, também Bandeira (1998) destaca que o envolvimento em Angola ocorreu a pedido de Agostinho Neto, dirigente do MPLA e se iniciou com o treinamento de rebeldes, ainda nos anos 60⁷; assim como no caso da Etiópia e Moçambique. Da mesma forma, este autor ressalta que “de qualquer forma, Cuba desempenhou, na África, um papel construtivo, inclusive favorecendo soluções diplomáticas para algumas questões, entre as quais o conflito entre Angola e o Zaire⁸, e os casos da Rodésia (Zimbábue) e Namíbia” (BANDEIRA, 1998, p. 599).

Além do campo militar, a ajuda cubana também esteve relacionada ao trabalho civil. Por um lado, o país acolheu inúmeros estudantes dos países africanos – segundo LópezSegrera, cerca de 15 mil africanos realizaram seus estudos no país nas mais diversas áreas; por outro, o país enviou para o trabalho civil em áreas como saúde, educação, construção civil, agricultura e transportes inúmeros técnicos para atuarem e incentivarem o desenvolvimento dos países africanos⁹.

Existem diversas explicações para o envolvimento cubano na África. Como aponta Gleijeses, há interpretações que assinalam que tais ações foram motivadas pelo desejo pessoal de Fidel Castro de autoengrandecimento, mas este certamente não foi o

⁷ A ligação com o MPLA e Agostinho Neto começou em 1965 quando Ernesto Guevara teve um encontro com o dirigente angolano e outros líderes do movimento. Porém se reduziu no início dos anos 70 devido às dificuldades de envio de material e homens e ao desenvolvimento próprio da luta pela independência do país. Com a instalação da Guerra Civil, em 1975, foi solicitado novamente o apoio cubano e o país se envolveu profundamente no conflito angolano (GLEIJESES, 2003, p. 106).

⁸ Para uma análise da participação cubana no processo de pacificação entre os dois países ver o livro *La paz de CuitoCuanavale – documentos de un proceso*, de Blanca Zabala, Havana, 1989.

⁹ Para um relato destas ações e as atividades desenvolvidas ver, além dos autores já citados, o livro “Cubanos na África”, de Neiva Moreira e Beatriz Bissio, Ed.Global, 1979.

fator determinante. Os dois fatores fundamentais foram a autodefesa e o idealismo. Depois de procurar um *modus vivendi* com os EUA, a liderança cubana chegou a uma conclusão muito clara: para se proteger dos EUA, a melhor defesa seria contra atacar, porém através dos espaços gerados no Terceiro Mundo. Neste sentido, podemos observar que:

...Castro consideraba que la supervivencia de la revolución dependia “del surgimiento de otras Cubas”, pues pensaba que EUA se veria obligado en ultima instancia a aceptar a Cuba cuando tuviera que hacer frente simultaneamente a vários otros gobiernos revolucionários. Y cuando Che Guevara fue a África endeciembre de 1964, los analistas de inteligência de EUA, recalcaron este elemento de autodefensa (GLEIJESES, 2003, p. 109).

O segundo fator foi o idealismo que condicionou a política externa cubana neste período, ou seja, o sentido de missão revolucionária, personificado no internacionalismo proletário. Na África os riscos eram menores, não provocavam diretamente os EUA e o país não atuava contra governos legais, como na América Latina, pois o país contribuía para movimentos contra o regime colonial ou governos pré-estabelecidos. Desta forma, podia continuar desenvolvendo a estratégia de promoção da revolução, sem maiores danos. Tal postura, muitas vezes, entrou em confronto com a *realpolitik*, no sentido de que podia gerar tensões com os aliados soviéticos, aumentar a ruptura com os EUA e criar novos inimigos, além de significar um importante aporte de recursos de que o país tanto necessitava (GLEIJESES, 2003, p. 114-116)¹⁰.

O reconhecimento explícito do papel desempenhado por Cuba, além do seu caráter construtivo, como já assinalamos, nos conflitos africanos pode ser percebido pela declaração de Nelson Mandela que, visitando o país como presidente da África do Sul, afirmou:

Venimos aquí con el sentimiento de la gran deuda que hemos contraído con el pueblo de Cuba; qué otro país tiene una história de

¹⁰ Como aponta o autor, citando duas fontes bem distintas. Para os russos, “tal como lo dijo un alto funcionario soviético- Anatoly Dobrynin, ex-embaixador soviético – en sus memorias, los cubanos enviaron sus tropas por iniciativa própria y sin consultarnos”; afirmação esta que é reafirmada por Henry Kissinger, que em suas memorias declara que “no podiamos imaginar que actuaraen forma tan provocadora tan lejos de su país a no ser que Moscú presionara a pagar le el apoyo militar y econômico. Las pruebas hoy disponibles indican que fue lo opuesto” (GLEIJESES, 2003, p. 113-114). Do mesmo modo, Sulzic afirma que: “Contrariamente a crença generalizada, foi ideia de Fidel Castro- e não dos russos – o engajamento de tropas cubanas na guerra civil em Angola, de forma totalmente aberta” (SZULC, 1987, p. 752).

mayor altruísmo que la que Cuba puso de manifiesto en sus relaciones con África? (citado por GLEIJESES, 2003, p. 119)

Já nos anos 80, com a institucionalização do processo revolucionário cubano, podíamos notar novas dimensões no soft power cubano que, no entanto, irão adquirir contornos definitivos a partir dos anos 90, como resposta as transformações do bloco soviético (e ao ideário socialista), ao contexto internacional (sua natureza e os valores determinantes no pós- guerra fria e, finalmente, as transformações e adaptações da política (interna e externa) cubana as novas demandas internas (a superação da grave crise econômica) e ao novo cenário internacional.

O novo soft power cubano: a emergência da Diplomacia Social

Como apontam Dominguez (2003) e Alzugaray (2003), Cuba continua exercendo um poder sedutor, ainda que diferente das décadas anteriores. Neste sentido, embora em menor medida e de forma diferente das décadas anteriores, a Revolução Cubana continua possuindo certos atrativos e cativando uma parte expressiva da população e dos governos, principalmente na América Latina.

Na década de 90, porém, já não é a capacidade militar ou revolucionária, embora continuem existindo, que fornecem ao país o exercício do soft power. Este deriva da constatação de que o país conseguiu desenvolver uma rede de proteção estatal que, apesar dos problemas, conseguiu solucionar, embora não definitivamente, grande parte dos problemas que atingem os países da periferia garantindo acesso à saúde e educação, entre outros, para a maioria da população e minimizando os efeitos da desigualdade social. Aliado a isto, se observa o extraordinário desempenho cubano em certas áreas, nos eventos internacionais, no campo do esporte e da cultura. Como apontam os autores, Cuba tem conseguido um desempenho impressionante.

Desta forma, nos anos 90 emergem uma estratégica de cooperação internacional que concilia dois ideais fundamentais da Revolução Cubana em outros momentos e, principalmente, se insere no novo contexto internacional e na tentativa de superação do relativo isolamento a que o país se viu submetido após a queda do bloco soviético. Neste sentido, conciliando internacionalismo e cooperação fundamentada nos serviços, principalmente das áreas onde destacadamente ocorreram avanços significativos durante

o período revolucionário (educação, saúde, esporte e cultura, entre outros), desenvolve-se uma Diplomacia Social, propiciando a emergência de novos contornos do soft power cubano.

A Diplomacia Social contribui para a afirmação de uma nova estratégia, que aprimorou a relação do país com outras nações. Tal conceito amplia a noção desenvolvida por Julie Feinsilver¹¹ de Diplomacia Médica, compreendida por:

En los análisis sobre la política exterior cubana se há pasado por alto la diplomacia médica. Sin embargo, ella ha sido parte integral de casi todos los acuerdos de cooperación y ayuda que Cuba ha consagrado historicamente al fortalecimiento de sus lazos diplomáticos con otros países del Tercer Mundo. Decenas de países han recibido asistencia médica cubana de largo plazo, y muchos otros han recibido ayuda a corto plazo en respuesta a situaciones de emergencia. La ayuda médica cubana llega a millones de personas en el Tercer Mundo anualmente a través del suministro directo de atención sanitaria, y a miles anualmente a través de programas de educación y entrenamiento en la esfera de la salud, tanto en Cuba como en el extranjero. El impacto positivo de esta ayuda en la salud de poblaciones del Tercer Mundo ha mejorado considerablemente las relaciones de Cuba con otros países y ha aumentado el capital simbólico de Cuba entre gobiernos, organizaciones internacionales e intelectuales que, en el Tercer Mundo, a menudo juegan un papel importante en la formación de opinión pública y la política pública (FEINSILVER, 1993, p. 193; citado por ALZUGARAY, 2003, p. 27).

Pode-se afirmar que tal atuação tem contribuído para o desenvolvimento do “soft power” cubano, fortalecendo os laços com outros países, no âmbito estatal e societal. Além disto, tal ação significa uma atualização do conceito de internacionalismo proletário, agora menos ideológico, enfatizando o trabalho social que o país desenvolve em relação a nações mais desfavorecidas, atingidas por catástrofes naturais ou com problemas em determinadas áreas.

A noção de Diplomacia Social implica, em primeiro lugar, a constatação de que Cuba desenvolve uma estratégia de cooperação ampla, alicerçada nas áreas sociais que revelam, em grande medida, os êxitos da revolução como saúde, educação e esporte, entre outras. Tal noção implica também a constatação de que a atração e apoio internacional que esta forma de cooperação desenvolve ocorre não mais pela atuação de grandes líderes ou pela presença militar como no passado mas pela atuação em áreas

¹¹ Para uma análise mais aprofundada do conceito ver o livro do autor *Healing the masses: Cuban Health Politics at Home and Abroad*, Berkeley, University of California Press, 1993.

civis e em situações de extrema pobreza ou desastres naturais, tornando-se contínua. Ainda, implica numa atualização do internacionalismo e terceiro-mundismo presentes desde os anos 60, que passam a ser compreendidos dentro dos desafios domésticos e internacionais, desenvolvidos dentro dos marcos da nova política externa do país com a utilização da diplomacia e a necessidade de construção de novas parcerias. Segundo Erisman e Kirk (2009), a cooperação cubana alcançaria, em diversas modalidades, 154 países, contribuindo para a superação do isolamento do embargo americano; segundo HUIISH e DARNELL (2011), com base nos dados do Ministério de Relações Exteriores de Cuba, desde 2011 podemos constatar 42.000 colaboradores cubanos trabalhando em 101 países.

A diplomacia social, desta forma, permite a projeção de uma imagem positiva do país, em diversos campos, e possibilita também a captação de recursos em que a atuação dos profissionais cubanos é intercambiada por produtos ou divisas, como no caso venezuelano, ou através da cooperação triangular, em que tal atuação é financiada por organismos internacionais, o que ocorre destacadamente na área da saúde. Além disto, tais profissionais estão orientados a não interferir em questões domésticas, o que limita possíveis áreas de atritos. Finalmente tal ação, inserida no quadro da política externa do país, permite o desenvolvimento de uma cooperação sul-sul, ainda que tenha presença global, e de uma perspectiva contra-hegemônica, baseada na solidariedade e na inserção crítica ao mundo globalizado (ERISMAN e KIRK, 2006; KIRK, 2009).

Outro aspecto relevante é que tal atividade permite que o governo cubano continue enviando uma parte significativa de sua população para trabalhar em outros países, agora sem o conteúdo militar das iniciativas desenvolvidas ao longo da guerra fria. Ainda tal atuação possibilita o reforço dos laços entre os envolvidos e o governo, ampliando a capacidade de manter o consenso interno.

O exercício da diplomacia implica na oferta no campo da educação e treinamento civil de cursos para estudantes estrangeiros da América Latina e África (em menor medida de outros continentes) ou na realização de procedimentos médicos em Cuba, e, principalmente, na atuação de profissionais cubanos em outros países.

Desta forma, as áreas em que se desenvolve a diplomacia social referem-se aquelas em que Cuba alcançou avanços significativos. Neste sentido, a cooperação se desenvolve nas áreas de educação, saúde¹², esporte e cultura, entre outros.

No campo educacional, além da oferta de bolsas em diversos cursos e áreas do conhecimento, o projeto com maior impacto se refere à criação da Escola Latino-Americana de Medicina (ELAM), em 1999, e de outras iniciativas. A ELAM está voltada à formação de futuros profissionais de medicina de setores empobrecidos em seus países de origem que possuem dificuldade de acesso ao ensino superior, faz com que a revolução cubana continue exercendo seu poder sedutor em parcelas importantes da população dos países de onde procedem estes estudantes. Segundo Torres e Cruz (2011), somente em ações educacionais na área da medicina podemos constatar os seguintes dados:

En el curso escolar 2009-2010 hubo una matrícula de 51 648 estudiantes en Cuba y en el exterior, los que se formaron junto a las Brigadas Médicas en los países, distribuidos de la siguiente forma: 8 170 estudiantes en la Escuela Latinoamericana de Medicina, 12 017 en el Nuevo Programa de Formación de Medicina, 1 118 en otros proyectos, 29 171 junto a las Brigadas y 1 172 estudiando carreras técnicas. La Escuela Latinoamericana de Medicina, creada el 15 de Noviembre de 1999 por idea de *Fidel*, también marcó un viraje en la concepción de la ayuda cubana en la formación de recursos humanos, inicialmente concebida para formar estudiantes de zonas remotas y postergadas del continente. Es una contribución de Cuba para ayudar a los países a saldar su propia deuda social, es un orgullo y ha graduado 7 256 médicos de 30 países, cuenta actualmente con una matrícula de 8 170 estudiantes de 28 países (TORRES e CRUZ, 2011, p. 385)

Para um país que ainda enfrenta os efeitos da grave crise econômica é um esforço considerável que só pode ser compreendido nos marcos da diplomacia social. Vale ressaltar que tal empreendimento (a ELAM) também reafirma os ideais cubanos pois como constatava Fidel Castro:

¹²Neste caso, como Cuba possui a seguinte estrutura: "... Cuenta además con el recurso más preciado: el capital humano, ya existente en el país un total de 566 365 trabajadores de la salud, de estos, 74 552 médicos y 32 289 especialistas en Medicina General Integral para una proporción de un médico por 151 habitantes y 95,9 enfermeras por 10 mil habitantes. Todo lo anterior ha sido posible por el desarrollo de las capacidades nacionales: 24 facultades de medicina, 499 policlínicos universitarios de la familia, 217 hospitales, 14 007 consultorios médicos, 160 clínicas estomatológicas, 13 institutos de investigación con la red de instituciones del polo científico, todas trabajando con un solo objetivo; mejorar la salud de la población cubana(SANCHEZ, MACHADO e FERNANDEZ, 2010, p. 82).

...lo que nosotros queremos es que los estudiantes de los Hermanos países latinoamericanos se impregnen de la misma doctrina en que se educan nuestros médicos, de esa entrega total a su noble profesión futura, porque el médico es como un pastor, un sacerdote, un misionero, un cruzado de la salud y del bienestar físico y mental de las personas... (citado por Sanchez, Machado e Fernandez, 2010:79).

Além da ELAM, Cuba, em parceria com a República Dominicana, criou e mantém neste país uma Escola de Enfermagem que, atualmente, atende a 150 estudantes (Sanchez, Machado e Fernandez, 2010: 80).

Ainda, a cooperação cubana na área de saúde envolve outros aspectos e programas, como mencionam Sanchez, Machado e Fernandez:

Actualmente la cooperación médica cubana¹³, que se brinda en varias modalidades, está presente en 73 países. En total en el mundo trabajan 38 544 colaboradores de la salud, de los cuales 17 697 son médicos. Solo por el PIS han sido atendidos 117 798 248 pacientes; operados, 2 831 870. Cifras conservadoras indican que durante los 10 años de este Programa se ha logrado salvar la vida de casi 2 millones de personas. Actualmente se desarrolla la Operación Milagro en 29 países de América Latina y el Caribe, incluyendo Cuba (SANCHEZ, MACHADO e FERNANDEZ, 2010, p. 80).

No entanto, a principal ação de cooperação se desenvolve, com o apoio venezuelano, nos marcos da ALBA (Aliança Bolivariana das Américas). Nesta, se desenvolvem missões na Venezuela e outros países latino-americanos, nos campos da alfabetização e medicina que permitem o exercício da diplomacia social cubana, possibilitando a atuação de profissionais destas áreas e o intercâmbio de serviços por recursos (divisas e petróleo) fundamentais para a recuperação econômica do país¹⁴.

¹³ Segundo Torres e Cruz (2011, p. 382): “La revolución cubana triunfa en 1959 y en ese mismo año se produjo el éxodo masivo de médicos, de manera tal que el país perdió, en los primeros años de revolución, alrededor del 50 % de los 6 286 profesionales con que contaba”.

¹⁴ No caso da Venezuela, os principais dados são: “El Programa Especial de Cooperación con Venezuela, que se inició en abril de 2003, cuenta con 30 685 profesionales cubanos de la salud, ostenta los siguientes resultados: 363 084 127 consultas, de estas 164 210 014 son visitas de terreno, 74 398 operaciones, 6 306 partos, 281 892 894 actividades educativas y 16 538 746 casos atendidos en ópticas. Em la Operación Milagro, el principal resultado es el mejoramiento o devolución de la visión a 1 825 274 personas de 33 países. En Cuba se han operado 175 610 pacientes y 1 649 664 en 60 centros oftalmológicos instalados en 18 países, con 93 puntos quirúrgicos donados por Cuba, con la más alta tecnología, en Venezuela, Bolivia, Ecuador, Guatemala, Haití, Honduras, Panamá, Nicaragua, Paraguay, Uruguay, Angola, Malí, Perú, Santa Lucía, San Vicente, Suriname, Guyana y Argentina” (TORRES e CRUZ, 2011: 387)..

Outra área de exercício da diplomacia social se refere ao esporte (HUIISH e DARNELL, 2011). Esta apresenta três dimensões: as brigadas de cooperação que trabalham em comunidades marginalizadas em outros países; o desenvolvimento de uma perspectiva contra-hegemônica com o estabelecimento de laços na sociedade civil; e, finalmente, a acolhida de alunos estrangeiros para o desenvolvimento de estudos e práticas em esporte no país. Sendo assim, pode-se destacar que, a exemplo da ELAM, foi criada a Escola Internacional de Educação Física e Esportes (EIEFD), que recebeu até o momento cerca de 1.400 estudantes de 76 países, além da organização de eventos. Desta forma, podemos constatar, seguindo as indicações de Huish e Darnell que:

In sum, the most distinguishing feature of Cuban sport internacionalism may be that sport is regarded as important and explicitly situated within broader processes of foreign policy and development, rather as a vehicle toward individualized and specific development goals. As we see it, Cuba has positioned sport as a mechanism in support of, and in conjunction with, comprehensive development projects that aim to address poverty and underdevelopment from multiple angles. For these reasons, it is worthy of ongoing attention within the SDP sector (HUIISH e DARNELL, 2011, p. 161).

Finalmente, convém ressaltar que tal atuação não se restringe ao campo médico, embora este seja o exemplo mais significativo, mas abrange outras áreas em que o país tem um desempenho importante no cenário internacional, estendendo-se hoje à educação, ao esporte, a cultura e certas áreas do conhecimento científico. Isto parece sugerir que o conceito de Diplomacia Médica, utilizado por Feinsilver, poderia ser ampliado para o exercício de uma “Diplomacia Social”, como uma estratégia importante para a ampliação e o fortalecimento de laços políticos e, além disto, para a captação de recursos indispensáveis à recuperação econômica do país.

Ao longo dos anos 90, Cuba foi tecendo uma rede de apoios no plano bilateral e multilateral, que permitem afirmar que a ilha já não está marginalizada no contexto internacional. Uma vez reorientadas as relações e com novas fontes de assistência financeira se fez mais fácil à recuperação do prestígio, que se deve, em grande medida, ao desenvolvimento da diplomacia social.

Conclusão

Este trabalho procurou discutir a projeção internacional cubana e as características do soft power do país, desde a emergência da Revolução, considerando que, se no início do processo revolucionário este baseava-se fundamentalmente no carisma de suas lideranças (Fidel Castro e Che Guevara, destacadamente), nos últimos anos passou a se orientar numa diplomacia social, alicerçada na cooperação com base nos serviços que exemplificam as conquistas sociais (educação, saúde, esporte,...).

Para tanto, consideramos que, com as mudanças no cenário internacional, Cuba enfrentou uma série de desafios e realizou um conjunto de mudanças internas e na sua projeção internacional, orientadas por uma *lógica da sobrevivência*, tornando a política externa cubana mais pragmática e menos conflituosa, fundamentada numa redefinição do interesse nacional.

A grande mudança refere-se, como procuramos demonstrar, ao advento, ou aprimoramento, do exercício do “soft power” cubano com a emergência de uma diplomacia que utiliza a potencialidade do país, na educação, saúde e esporte, para o fortalecimento de laços com a sociedade civil e com Estados, gerando apoios políticos e econômicos ao país que denominamos de *Diplomacia Social*.

Desta forma, Cuba conseguiu romper, ainda que parcialmente, o isolamento a que se viu submetida com o fim da Guerra Fria e angariar apoio e laços que permitiram a sobrevivência, econômica e política, do país. Desta forma, foi possível ao longo da década inserir-se no mercado internacional, encontrando novos parceiros, aumentando seu comércio exterior e aprofundando laços econômicos com países ou áreas de seu interesse, o que gerou uma diversificação de seus parceiros comerciais.

Isto, porém, não significa que a liderança cubana superou definitivamente os desafios enfrentados. A continuidade e a eficácia das ações desenvolvidas até aqui dependerão em grande medida da atuação de sua liderança perante o conflito com os EUA, elemento fundamental da política externa do país, a manutenção e a diversificação de parceiros, econômicos e políticos e a superação das críticas da comunidade internacional, referentes ao modelo político adotado pelo país. Da solução definitiva destas questões dependerá, em grande medida, o futuro do país e um balanço final do êxito de sua política externa.

Referências

- ALZUGARAY, Carlos. **La política exterior de Cuba em la década de 90: intereses, objetivos y resultados.** Política Internacional, La Habana, vol. I, n. 1, p. 14-32, enero-julio 2003.
- ANDERSON, J. L. **Che Guevara: uma biografia.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Cuba: do socialismo dependente ao capitalismo.** Brasília: Contexto Internacional, 1996, disponível em: www.relnet.com.br.
- CASANOVA, Pablo. **América Latina: história de meio século.** Brasília: UNB, 1988, 4 volumes.
- CASTRO RUZ F. Discurso pronunciado en la graduación del Instituto de Ciencias Médicas de La Habana. 09-08-99. Disponível en: www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f090899e.html (acesso em 20/09/2013).
- CENTRO DE ESTUDOS AMERICANOS. **Cuba em los anos 90: su reinserción en la economía internacional.** La Habana: Política, 1994.
- COGGIOLA, Osvaldo. **Revolução cubana: história e problemas atuais.** São Paulo, Ed. Xamã, 1998.
- DOMÍNGUEZ, Jorge I. **Cuba en las Américas: ancla y viraje.** Foro Internacional, Ciudad de México, v. XLIII, n. 3, 265 p., julio-septiembre, 2003.
- ERISMAN e KIRK, H. M. e J. **Redefining Cuban foreign policy: the impacto of the Special Period.** Gainesville: University Press of Florida, 2006.
- FEINSILVER, Julie M. **Healing the masses: cuban health politics at home and abroad.** Bekerley: UniversityofCalifornia Press, 1993.
- GLEIJESES, Piero. **Las motivaciones de la política exterior cubana.** Política Internacional, La Habana, vol. I, n. 1, p. 99-119, enero-julio 2003.
- GUEVARA, E. **Cuba: excepción histórica o vanguardia em la lucha anticolonialista?** In: Obras (1957-1967). Havana: Casa de las Américas, 1970.
- HEREDIA, Fernando Martinez. **El Che y el socialismo.** Buenos Aires: Dialectica, 1992, 170 p.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

HUIISH e DARNELL, R. e S. **Solidarity, conter-hegemony, and development: exploring new dimensions of Cuba's sport-based internacionalism**. In: Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies, vol. 36, n. 71, 2001, pg. 139-194.

KIRK e ERISMAN, J. e M. H. **Cuban Medical internacionalism: origins, evolution and goals**. New York: PalgraveMacMillan, 2009.

MARTÍNEZ, Miguel Alfonso. **La diplomacia cubana. Un balance a 40 años de revolución**. Análisis de Conyuntura, La Habana, n. 11, 79 p., diciembre, 1998.

NYE, Joseph Jr. **O paradoxo do poder americano**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.
PCUS. **La política exterior de la Cuba socialista**. Moscou: Progreso, 1980.

PISANI, Miguel Estéfano. **Política exterior de la revolución cubana**. La Habana: Ciências Sociales, 2002.

SADER, Emir. **Cuba: um socialismo em construção**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SADER, E. **Cuba no Brasil**. In: REIS, D. Historia do marxismo no Brasil I: o impacto das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

SADER, Emir (org.). **Che Guevara: política**. São Paulo: Àtica, 1981.

SALAZAR, Luiz Suares. **El siglo XXI: posibilidades y desafios para la revolución cubana**. La Habana: Ciências Sociales, 2000.

SÁNCHEZ, Y. Mejias; MACHADO, Orgel J. D.; FERNÁNDEZ, Ana M. T. **Cuba y la cooperación solidaria en la formación de médicos del mundo**. In: Educación Médica Superior, Havana, 2010; 24(1), pg.76-84. (acessado em 20 de março de 2013)

SEGRERA, Francisco López. **Cuba: política exterior y revolución**. La Habana: ISRI, 1988.

SZNADJER e RONIGER, Mario e Luis. **“Política, ethos social e identidad en la Cuba contemporánea”**. América Latina Hoy, Salamanca, n. 29, p. 155-178, diciembre 2001.

SZULC, Tad. **Fidel: um retrato crítico**. Best Seller, 1987.

TAIBO, Paco I. **Ernesto Guevara; também conhecido como Che**. São Paulo: Scritta, 1997.

TORRES, Nestor M.; CRUZ, Evelyn M. Experiência cubana em cooperación Sur-sur. In: Revista Cubana de Salud Pública 2011; vol. 37(4), pgs. 380-393.

WEBER, Max. **A política como vocação.** Ciência e política: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1989.

Resumo

O presente trabalho analisa a projeção internacional da Revolução Cubana, discutindo os contornos de seu soft power que contribuíram para sua reinserção internacional. Para tanto, após apresentar uma breve discussão deste conceito e das transformações do cenário internacional contemporâneo analisa a mudança da utilização do soft power no processo revolucionário de Cuba. Neste sentido, aponta que tal poder esteve, nos anos dourados da Revolução (anos 60 e 70), alicerçado na aura revolucionária e no carisma de suas lideranças (Fidel Castro e Che Guevara, entre outros) e que, na primeira década deste século, adquiriu novos contornos amparados na emergência da Diplomacia Social, baseada na cooperação com base nos serviços sociais (saúde, educação e esporte, entre outros), contribuindo para o estabelecimento de laços diplomáticos e o desenvolvimento de uma imagem positiva do país.

Palavras-chave

Revolução Cubana; Soft Power; Diplomacia Social.

Abstract

This paper analyzes the international projection of the Cuban Revolution, discussing the contours of your soft power that contributed to its international reintegration. To this end, after presenting a brief discussion of this concept, and transformations of the international contemporary analyzes the change of use of soft power in the revolutionary process in Cuba. In this sense, points out that such power was in the golden years of the Revolution (60 and 70), based on the revolutionary aura and charisma of their leaders (Fidel Castro and Che Guevara, among others) and in the first decade of this century, acquired new contours supported the emergence of social Diplomacy, based on cooperation based on social services (health, education and sports, among others), contributing to the establishment of diplomatic ties and the development of a positive image of the country.

Keywords

Cuban Revolution; Soft Power; Social Diplomacy.

Artigo recebido dia 27 de agosto de 2013.

Aprovado em 20 de abril de 2014.